

A SUBVERSÃO DO SER: O PERCURSO DA NOÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LACANIANO

José Humberto Marques Ferreira Junior¹

RESUMO

O presente trabalho investiga o processo de constituição do sujeito na teoria de Jacques Lacan, diferenciando-o das concepções ontológicas, biológicas e psicológicas do ser. A partir de uma pesquisa desenvolvida ao longo de dois anos no dispositivo de cartel associado à Lacato Comunidade de Psicanálise, o artigo analisa a transição lógica da alienação do sujeito no campo do Grande Outro até a destituição subjetiva e o advento do des-ser ao final do percurso analítico. Fundamentando-se na articulação significativa e na anti-ontologia proposta por autores como Alfredo Eidelsztein e Colette Soler, conclui-se que o sujeito lacaniano opera como um efeito de linguagem evanescentemente produzido nas hiências do discurso, sustentando a falta-a-ser em oposição à ilusão da substância.

Palavras-chave: Sujeito lacaniano. Linguagem. Alienação. Des-ser. Cartel.

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui o produto final de um percurso de dois anos de investigação no dispositivo do cartel, associado à Lacato Comunidade de Psicanálise, e apresentado no Congresso Paraibano de Psicanálise. O eixo que orientou esta pesquisa interroga um dos pilares fundamentais da clínica e da teoria psicanalítica: como o sujeito se constitui para Lacan? Longe de ser uma questão puramente teórica ou abstrata, a definição do estatuto do sujeito determina diretamente o manejo da transferência, a direção do tratamento e o horizonte do fim de uma análise, além de ser a grande fonte de equívocos quando falamos de uma psicanálise dita “freudolacaniana”, que se propõe a compreender o sujeito em seu estatuto ontológico do ser.

Para delimitar o escopo desta investigação, afasta-se de imediato qualquer equivalência entre o sujeito da psicanálise e as categorias tradicionais da psicologia, da biologia ou da sociologia, bem como do movimento conduzido por Miller, chamado acima de freudolacanismo. O sujeito com o qual operamos não é o indivíduo anatômico, não é a pessoa social, tampouco se confunde com a síntese consciente do Eu cartesiano.

Conforme formula Dutra (2025) em suas articulações na entrevista “De Frente com Gabi”, sobre a transmissão e a clínica lacaniana, "a noção de sujeito para Lacan tem o estatuto de uma hipótese". Trata-se de uma hipótese de leitura deduzida a partir dos efeitos de fratura e de hiância no texto que o analisante enuncia. O sujeito lacaniano, portanto, não é uma substância previamente dada que se expressa na fala, mas uma emergência pontual e evanescente produzida pela própria engrenagem da linguagem. Ao longo de dois anos, este cartel percorreu a trajetória lógica que retira o sujeito do campo da ontologia substancialista e o reinscreve na lógica do significante, da outridade e do des-ser.

2- A PRIMAZIA DA ALTERIDADE E A REDE TRANSINDIVIDUAL

A constituição do sujeito em Lacan subverte a primazia da autoidentidade ou do nascimento endógeno do psiquismo. O sujeito não nasce de si mesmo; ele é um efeito de superfície produzido por uma máquina linguística que lhe é preexistente e exterior. Antes mesmo que um infante nasça, ele já está capturado, nomeado e encaminhado pelo banho de linguagem e pelo desejo dos pais. Essa primazia da alteridade radical exige a introdução do conceito de Grande Outro, o tesouro dos significantes, a ordem simbólica reguladora.

O inconsciente não deve ser compreendido como um reservatório interior de pulsões místicas ou instintos recalçados, mas como uma rede transindividual. Lacan formaliza essa topologia em seus textos fundamentais ao afirmar textualmente que "o inconsciente é o discurso do Outro" (Lacan, 1998a, p. 529).

A partir dessa premissa, a constituição do sujeito se dá em uma relação absoluta ao campo do Outro; assim, a constituição do sujeito é marcada por uma "imissão de Outridade". "O que chamo de estrutura se abre e se define fundamentalmente por meio de uma imissão de outridade, condição necessária de qualquer sujeito" (Lacan, 1970).

Não há interioridade pura: o que há de mais íntimo no sujeito (seu desejo, seus sintomas, suas angústias) vem de fora, do campo do Outro. O sujeito lacaniano se constitui, inicialmente, alienado a essa ordem simbólica. Ele é falado pelo Outro antes de poder falar, sendo moldado pelas insígnias, marcas e demandas que essa outridade lhe impõe. Todavia, ser falado, marcado e alienado, por si só, não constitui um sujeito; assim, o inconsciente não é uma propriedade privada ou oculta do indivíduo.

3- DA ANTI-ONTOLOGIA À LÓGICA DO SIGNIFICANTE

Ao avançar no percurso do cartel, a investigação exigiu um rompimento drástico com a ontologia clássica — a metafísica ocidental que pensa o ser como algo pleno, positivo, idêntico a si mesmo e substancial. A psicanálise lacaniana opera em uma dimensão radicalmente anti-ontológica.

Eidelsztein (2015) adverte com rigor contra o desvio biologicista e substancialista que frequentemente confunde a leitura de Freud com a de Lacan. A partir de sua crítica epistemológica, Eidelsztein demonstra que o sujeito lacaniano é estritamente acorpóreo, incorpóreo e transindividual. O Real em Lacan não deve ser confundido com a carne biológica, com o organismo anatômico ou com a substância viva. O organismo é do reino da biologia; o sujeito é do reino da lógica e do significante. Ao desbiologizar a psicanálise, compreende-se que o corte significante esvazia o vivente de qualquer essência natural, deixando em seu lugar um vazio estrutural:

O sujeito em Lacan carece de ser. Não tem substância, não tem corpo, não tem interioridade. Se no pensamento ocidental e no senso comum o ser se apoia na substância viva ou biológica, em Lacan o sujeito é puro efeito do significante, o que nos obriga a operar não com uma ontologia, mas com uma anti-ontologia baseada na falta-a-ser. (Eidelsztein, 2015).

A essência do sujeito lacaniano é, portanto, a falta-a-ser (*manque-à-être*). O sujeito não é; ele claudica, falta e falha. Essa dinâmica é explicada pela definição axiomática de significante formulada por Lacan: "O significante é o que representa o sujeito para outro significante" (Lacan, 1998b, p. 833).

A estrutura matemática e lógica dessa definição impede que o sujeito ganhe uma substância ou uma identidade fixa. Se um significante precisa de outro significante para representar o sujeito, o sujeito nunca é capturado por inteiro em nenhum deles. Ele habita a fenda, o intervalo, o hiato entre S_1 e S_2 . O sujeito é o próprio efeito de eclipse (*aphanisis*) que ocorre nessa passagem. O que a ontologia clássica tentava preencher com a ilusão de um "Ser" pleno, a psicanálise desvela como uma falta estrutural constitutiva.

4- O FINAL DE ANÁLISE E A EXPERIÊNCIA DO DES-SER

Se na primeira metade do percurso constitutivo o sujeito se aliena e se amarra aos significantes-mestres que o Outro lhe outorgou — construindo uma fantasia que dá uma falsa

consistência ao seu ser —, o final de um percurso analítico impõe o movimento inverso. A direção da cura visa conduzir o analisante para além das identificações alienantes, em direção ao que Lacan chama de des-ser.

Colette Soler (2012), em suas precisas leituras sobre a topologia dos afetos e o final de análise, lança luz sobre o estatuto do des-ser na experiência clínica. Soler aponta que o percurso de uma análise esvazia o valor de verdade dos significantes do Outro que sustentavam a identidade do sujeito. À medida que a travessia da fantasia avança, ocorre um processo de destituição subjetiva. O sujeito perde as insígnias simbólicas que o faziam crer que ele "era" alguma coisa (um filho perfeito, um profissional fracassado, uma vítima do destino).

Esse confronto com a inconsistência do Outro e com a própria vacuidade deixa o sujeito nu diante de seu des-ser. Ao desatar-se das amarras identificatórias, o sujeito cai de sua posição idealizada e se depara com o objeto *a* — não mais como uma promessa de completude perdida, mas como o puro vazio, o resto ineliminável da operação de linguagem e a causa real de seu desejo. O des-ser é a assunção de que, no núcleo do sujeito, não há substância a ser revelada, mas sim uma hiância com a qual ele deve aprender a saber-fazer.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta trajetória de quase dois anos, a pergunta que inaugurou este cartel encuentra uma resposta rigorosa, embora estruturalmente aberta: o sujeito para Lacan se constitui como uma fratura lógica, uma hiância produzida pelo impacto traumático da linguagem sobre o vivente. Ele se desloca de uma alienação radical na outridade do simbólico até o advento ético de seu des-ser no final da análise. O percurso vai da ilusão ontológica do ser à verdade lógica da falta-a-ser.

Por fim, cabe situar o próprio valor deste produto escrito. O dispositivo do cartel, tal como proposto por Lacan, visa subverter a lógica dos grupos de estudo dogmáticos, onde os sujeitos frequentemente se dissolvem em identificações de massa ao redor de um líder. Ao exigir uma produção própria e um produto final, o cartel funciona como uma borda que contorna o vazio do saber. Escrever este trabalho não foi o ato de preencher a falta com conceitos prontos, mas a própria sustentação da fenda do sujeito frente à clínica. O saber produzido aqui não é um ser; é uma resposta provisória e escrita que testemunha a subversão de nossa própria travessia teórica.

REFERÊNCIAS

DUTRA, Flávia. A hipótese do sujeito e a clínica psicanalítica. Entrevista concedida ao programa De Frente com Gabi. YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 15 fev. 2025.

EIDELSZTEIN, Alfredo. A topologia na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, 2006.

EIDELSZTEIN, Alfredo. El Otro Lacan: estudio crítico sobre la ontología y la clínica psicoanalítica. Buenos Aires: Letra Viva, 2015.

EIDELSZTEIN, Alfredo. O grafo do desejo. Tradução de Yannis Grammatidis. 2. ed. Rio de Janeiro: Viva Psicanálise, 2017.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). *In*: LACAN, Jacques. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a. p. 496-533.

LACAN, Jacques. Of Languages and Sciences of Man (Conferência realizada na Johns Hopkins University / Discurso de Baltimore, 1966). *In*: MACKSEY, Richard; DONATO, Eugenio (org.). The Structuralist Controversy: The Languages of Criticism and the Sciences of Man. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1970.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). *In*: LACAN, Jacques. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b. p. 807-842.

SOLER, Colette. Afetos lacanianos. Tradução de Colette Soler et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

SOLER, Colette. O que Lacan dizia das mulheres. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

¹ Membro pesquisador da Lacato Comunidade de Psicanálise. Psicólogo por formação, psicanalista lacaniano, especialista em psicanálise, escritor e supervisor. E-mail: humbertojunior08@outlook.com.